

6. Referências Bibliográficas

AGUIRRE C. e GOLDFELD M. Leitura e escrita de surdos: revisão bibliográfica. In: FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. Cap 13, p. 258-281.

ALMEIDA, M. C. **Saúde e reabilitação de pessoas com deficiência**: políticas e modelos assistenciais. Campinas, 2000. Tese (Doutorado em Medicina). Faculdade de Ciências Médicas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Transcript notation. In: _____ **Structures of social action**: studies in conversation analysis. Cambridge, Cambridge University Press, 1984. p. ix-xvi.

BALIEIRO, C. R.; GALLO, S. L. Escrita e surdez: uma proposta discursiva. In: BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. de A. e GUARINELLO, A. C. (Orgs.). **Linguagem escrita**: referenciais para a clínica fonoaudiológica. São Paulo: Plexus, 2003. Cap.5, p. 93-110.

BASTOS, L. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais – uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio** (UNISINOS), São Leopoldo, RGS, v. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap 4, p. 85-106.

BATISTA, M., SALIÉS, T. e GOLDFELD, M. Discursos de identidade em grupo de acolhimento e orientação: ser mãe de filho surdo. In: FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. Cap.18, p. 387-417.

BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BLUM-KULKA, S. You gotta know how to tell a story: telling, tales and tellers in american and israeli narrative events at dinner. **Language in society**. V. 22, p. 361-402, 1993.

BLUM-KULKA, S. Modes of meaning making in young children's conversational storytelling. In: THORNBORROW, J. e COATES, J. (Eds.) **The sociolinguistics of narrative**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 149-170.

BRONCKART, J. MACHADO, A. R. e MATENCIO, M. L. M. (Orgs.) **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.

BRUNER, J. S. The ontogenesis of speech acts. **Journal of child language**. V.2, p.1-19, 1975.

BRUNER, J. S. **Acts of meaning**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990. Cap.2, p.33-65.

DAY, R. R.; PARK, J. Developing reading comprehension questions. **Reading in a Foreign Language**, vol. 17, nº1, april, p. 60-73, 2005.

DALLE, M.; DUBRAVAC, S. Reading question formation as a tool for measuring comprehension: narrative and expository textual inferences in a second language. **Journal of Research in Reading**, vol. 25, issue 2, p. 217-231, 2002.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

_____. **Handbook of Qualitative Research**. Second Edition. California: Sage Publications, 2000, Introdução, p. 15-41.

DEZANI, A. S; CHIARI, B. M. Caracterização da narrativa oral de deficientes auditivos. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiologia**. 11(4): 272-278, 2006.

DURANTI, A. Theories of culture. In: _____. **Linguistic anthropology**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997. Cap. 10, p. 23-50.

EDGE, J., and RICHARDS, K. May I see your warrant, please?: Justifying outcomes in qualitative research. **Applied Linguistics**. 19, 3: 334-356, 1998.

ERICKSON, F. Ethnographic Microanalysis. In McKAY, S. L. e HORNBERGER, N. H. (Eds.) **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 283-306.

ERICKSON, F. e SCHULTZ, J. “O quando” de um contexto: questões e métodos na análise da competência social. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap 8, p. 215-248.

FELIPE, T. A. **Introdução à gramática da LIBRAS**. Série Atualidades Pedagógicas. Volume III. Brasília. SEESP, 1997.

FREITAS, M. T. A. **Vygotsky e Bakhtin: psicologia e educação: um intertexto**. São Paulo: Ática, 2000.

GAGO, P. C. Questões de transcrição em análise da conversa. **Veredas**, v. 6, n.2, p. 89-113, 2002.

GARCEZ, P. M. Transcrição como teoria: a identificação dos falantes como atividade analítica plena. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identities: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 83-95.

GARCEZ, P. M. Deixa eu te contar uma coisa: o trabalho sociológico do narrar na conversa cotidiana. In: RIBEIRO, B. T., LIMA C. e LOPES DANTAS M.T. **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001, p. 189-213.

GARCEZ, P. M. Microethnography. **Research methods in language and education**. Dordrecht/Londres/Boston, v. 8, p. 187-196, 1997.

GARCIA, D. I. B. **Desempenho de crianças com dificuldades escolares: a mediação necessária**. Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá. out., 2004. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/publicacao/sem_ppe_2004/pdf/41completo.pdf> Acesso: 15 nov. 2006.

GESUELI, Z. M. Language and identity: deafness in question. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 94, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000100013&lng=en&nrm=iso> Acesso: 01 nov. 2006.

GIORDANI, L. F. Letramentos na educação de surdos: escrever o que está escrito nas ruas. In: THOMA, A. da S. e LOPES, M. C. (Orgs.) **A invenção da surdez**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. Cap. 7, p. 114-127.

GÓES, M. C. R. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: LACERDA, C. F. de e GÓES, M. C. R. (Orgs.) **Surdez: Processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000. Cap. 3, p 29-49.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap.5, p 107-148.

GOLDFELD, M. Atendimento fonoaudiológico pra crianças surdas sob o enfoque bilíngüe e interacionista. In FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. Cap.14, p 282-320.

GOLDFELD, M.; CHIARI, B. O brincar na relação entre mães ouvintes e filhos surdos. **Pró-fono revista de atualização científica**. Vol. 17 nº1 jan-abr, 2005. Disponível em:

<<http://www.revistaprofono.com.br/ojs/index.php/revistaprofono/article/view/PDFInterstital/173/150>> Acesso: 25 nov. 2006.

GOLDFELD, M. Surdez. In _____. (Org.) **Fundamentos em fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003. Cap 7, p. 97-112.

GOLDFELD, M. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-Interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GUBA, E. G.; Y. LINCOLN. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 1994. p. 105-117.

GUIMARÃES, A. M. de M. Desenvolvimento de Narrativas: introdução de referentes no universo textual. **Linguagem e ensino**. Vol 2 nº2, 1999. Disponível em: <http://atlas.ucpel.tche.br/~poslet/LingEns04/D_guimaraes.pdf> Acesso: 22 nov. 2006.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T. e GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap.6, p. 149-182.

HAMO, M.; BLUM-KULKA, S. e HACHOEN, G. From observation to transcription and back: theory, practice, and interpretation in the analysis of children's naturally occurring discourse. **Research on language and social interaction**, 37(1), p. 71-92, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2004.

HOPPER, P. Aspect and Foregrounding in Discourse. **Discourse and syntax**. p. 213-41. New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P.; HOMPSON, S. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**. volume 56. Baltimore: Linguistic Society of America, 1980.

HUDSON, J. The development of future time concepts through mother-child conversation. **Merrill-Palmer Quarterly Journal of developmental psychology**. Volume 52, Number 1, January, p. 70-95, 2006.

HUDSON, J.; SHAPIRO, L. From knowing to telling: the Development of childrens scripts, stories, and personal narratives. In: MCCABE A.; PETERSON C. (Orgs.). **Developing narrative structure**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. Cap. 3, p. 89-136.

HUTCHBY, I.; WOUFFITT, R. **Conversation Analysis: principles, practices and applications**. [S.I.]: Polity Press, 1988.

JACOB C., GOLDFELD M. e PRADO M. Aquisição da Língua de Sinais. In: FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiolgia e surdez**. São Paulo: Am3 Artes, 2006. Cap.15, p 321-343.

KARNOPP, L. Língua de sinais na educação dos surdos. In: THOMA, A.; LOPES, M. (Orgs.) **A invenção da surdez**. EDUNISC, 2004. p. 103-113.

KLAPPROTH, D. M. **Narrative as social practice**: anglo-western and australian aboriginal oral tradition. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG., 2004.

KRAMER, S. **Por entre as pedras**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354-396.

LACERDA, C. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Caderno CEDES**. v. 26, n. 69. Campinas, 2006.. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000200004&lng=en&nrm=iso> Acesso: 25 out. 2006.

LACERDA, C. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: focalizando as primeiras produções em sinais. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 9, n. 2, p. 65-72, 2004.

LEBEDEFF, T. **Estudo da compreensão de histórias infantis em língua de sinais por crianças surdas**. Universidade de Passo Fundo. [199?]. Disponível em: <<http://www.lab-eduimagem.pro.br/iframes/seminarios/pdf/e5taleb.pdf>> Acesso: 01 nov. 2006.

_____. Práticas de letramento na pré-escola de surdos: reflexões sobre a importância de contar histórias. In: THOMA, A. e LOPES, M. **A invenção da surdez**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. Cap. 8, p. 128-142.

LEMOS, C. Prefácio. In: PERRONI, M. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Interacionismo e aquisição de linguagem. **DELTA**, v. 2, nº 2, p. 231-248, 1986.

LIMA, C. Aquisição de competência comunicativa e constituição de identidade. In: RIBEIRO, B., LIMA C. e LOPES DANTAS M. **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: IPUB-CUCA, 2001. p.143-159.

LINCOLN, Y.; GUBA, E. Paradigmatic Controversies, contradictions, and emerging influences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **Handbook of Qualitative Research**. Second Edition. California: Sage Publications, 2000. p. 163-187.

LODI, A. An enunciative reading of the Brazilian sign language: the fairy tales genre. **DELTA**. São Paulo, v. 20, n. 2, 2004. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000200005&lng=en&nrm=iso> Acesso: 01 nov. 2006

LONGARAY, E. A.; LIMA, M. O papel da interação na aquisição de segunda língua. **Entrelinhas**. Ano III, nº 1, jan/jun., 2006. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=4&s=9&a=23>> Acesso: 27 nov. 2006.

MARQUES, C., BELLI, R. **Chapeuzinho Vermelho**. In: _____. Clássicos de Ouro. [S.I.]: Todo Livro, [200?]. Não paginado.

McCABE, A., PETERSON, C. Getting the story: a longitudinal study of parental styles in eliciting narratives and developing narrative skill. In: _____. **Developing narrative structure**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. Cap. 6. p. 217-254.

MEIRELLES, V.; SPINILLO, A. Uma análise da coesão textual e da estrutura narrativa em textos escritos por adolescentes surdos. **Estudos em Psicologia**, Natal, v. 9, n. 1., 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100015&lng=pt&nrm=iso> Acesso: 25 out. 2006.

MENDES, B.; NOVAES, B. Oficina de leitura com adolescentes surdos: uma proposta fonoaudiológica. In: BERBERIAN, A.; MASSI, G. e GUARINELLO, A. (Orgs.) **Linguagem escrita: referenciais para a clínica fonoaudiológica**. São Paulo: Plexus, 2003. Cap.7, p. 125-160.

MERCER, N. Neo-Vygotskian theory and classroom education. In: STIERER B.; MAYBIN J. (Eds.), **Language, Literacy and Learning in Educational Practice**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994. p. 92-110.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, editora Hucitec, 8ª edição, 2004.

_____. _____. São Paulo, editora Hucitec, 9ª edição, 2006.

MINAMI, M. **Child Language and Child Development: Culture-Specific Language Styles: The Development of Oral Narrative and Literacy**. Clevedon, GBR: Multilingual Matters Limited, 2002.

MISHLER, E; CLARK, J. Prestando atenção às histórias dos pacientes: o reenquadre da tarefa clínica. In: RIBEIRO, B.; LIMA, C.; DANTAS, M. (Orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro, Edições IPUB, 2001.

MOELLER, M.; SCHICK, B. Relations Between Maternal Input and Theory of Mind Understanding in Deaf Children. **Child Development**. May/June, v. 77, nº 3, p. 751 – 766, 2006.

MOITA LOPES, L.; BASTOS, L. (Orgs.). **Identidades**: recortes multi e interdisciplinares. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 83-95.

MOTTA, A.; ENUMO, S.; PEREIRA, M.; LEITE, L. Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil. **Interação em Psicologia**, 2006, 10(1), p. 157-167.

NORRICK, N. **Conversational Narrative**: storytelling in everyday talk. Amsterdã e Filadélfia, John Benajamins, 2000.

OCHS, E. Constructing social identity: a language socialization perspective. **Research on language and social interaction**, 26(3), p. 287-306, 1993.

_____. Indexing Gender. In: DURANTI, A; C. GOODWIN. **Rethinking Context**: language as an interactive phenomenon. Cambridge, Cambridge Univeristy Press, 1992.

OCHS, E., SMITH, R. & TAYLOR, C. Detective stories at dinner-time: problem solving through co-narration. **Cultural Dynamics**, (2) 238-57; 1989.

PEREIRA, M. e RIBEIRO, B. A noção de contexto na análise do discurso. **Veredas**. Juiz de Fora, v.6, n.2, p. 49-67, jul/dez, 2002;

PEREIRA, M. Sessão de Apresentação. **Palavra n. 8**, Rio de Janeiro, Departamento de Letras da PUC- Rio, 2002;

_____. **Estratégias de interação no discurso acadêmico falado análise do xi encontro nacional de lingüística**. Rio de Janeiro, 1993. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PEREIRA, M. e NAKASATO, R. Aquisição de narrativas em língua de sinais Brasileira. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, V.36, nº 3, p. 355-363, 2001.

PERRONI, M. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PETERSON, C.; McCABE, A. Echoing Our Parents: Parental Influences on Children's Narration In: M.W. Pratt, & B.E. Fiese (Eds.), **Family stories and the lifecourse**: Across time and generations, 2004, p. 27-54. Disponível em: <<http://sdg.cllrnet.ca/courseware/presentation/Peterson.doc>> Acesso: 8 dez. 2006.

_____. Linking children's connective use and narrative macrostructure. In: McCABE A.; PETERSON C. (Orgs.), **Developing narrative structure**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991. Cap. 1. p. 29-53.

PETERSON, C.; JESSO, B. e McCABE, A. Encouraging narratives in preschoolers: an intervention study. **Journal of Child Language** v. 26 p. 49-67. Cambridge University Press, 1999.

PETERSON, C. Narrative Skills and Social Class. **Canadian Journal Of Education**. 19:3, p. 251-269, 1994. Disponível em: <http://www.csse.ca/CJE/Articles/FullText/CJE19-3/CJE19-3-06Peterson.pdf>> Acesso: 8 dez. 2006.

PFAFF, C. The development of co-constructed narratives by Turkish children in Germany. In: VEHOEVEN, Ludo (Ed.). **Narrative Development in a Multilingual Context**. Philadelphia, PA: Jonh Benjamins Publishing Company, 2001.

PRABHU, N.S. There is No Best Method – Why? **TESOL Quarterly**, v. 24, n. 2, 1990.

RIBEIRO, B.T., COULTHARD, C. R. C., BASTOS, L. C., QUENTAL, L. e SILVA, V. P. Quatro interpretações de uma narrativa. **Palavra** v. 3, p. 43-77, 1995.

RICE, P.; EZZY, D. **Qualitative reserarch methods: a health focus**. Oxford University Press, 1999.

RICHTER, G. Role-play e ensino interativo de língua materna. **Linguagem e ensino**, v. 1, n. 2, p. 89-113, 1998.

ROJO, R. A emergência da “coesão” narrativa “e daí” em narrativas infantis. **DELTA**. v.12, n. 1, p. 57-86, 1996.

SACKS, H. On doing “*being ordinary*”. In: ATKINSON J. M.; HERITAGE J., (Eds.) **Structures of social action: studies in conversation analysis**. New York: Cambridge University Press, 1984, p. 413-429.

_____. An analysis of course joke's telling in conversation. In: Richard Bauman & Joel Sherzer (Eds.), **Explorations in the ethnography of speaking**. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1974, p. 337-353.

_____. On the analyzabilibty of stories by children. In: GUMPERZ; JOHN; HYMES (Orgs.) **Directions in Sociolinguistics: the etnography of communication**, 1972.

SALIÉS, T. e MAGALHÃES, C. Legendagem oculta: explorando novas fronteiras na educação do surdo. In: FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo, Am3 Artes, 2006. Cap.20, p. 457-501.

SCHIFFRIN, D. Intonation and transcription conventions. In: _____. **Discourse markers**. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1987. p. ix-x.

SIXEL, A; CARDOSO, G. e GOLDFELD, M. In: FROTA, S. e GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo, Am3 Artes, 2006. Cap 16, p. 344-372.

SILVA, A. M. O conto de fada e a problemática do pertencimento social. **Revista espaço acadêmico** n. 39, agosto de 2004.

SKLIAR, C.; SOUZA, R. O debate sobre as diferenças e os caminhos para (re)pensar a educação. In: AZEVEDO, J. C.; GENTILI, P.; KRUG, A; SIMON, C. (Orgs.) **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000. Disponível em: <http://virtual.udesc.br/Midioteca/Publicacoes_Educacao_de_Surdos/artigo09.doc> Acesso: 01 nov. 2006.

SOUZA, R.; PEREZ, V.; ROSA, A.; NUNES, P. **Narrando em sinais**: se vendo e se fazendo surdo. Universidade Estadual de Campinas, 2000. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2040.doc>> Acesso: 20 nov. 2006.

SPINILLO, A. A produção de histórias por crianças: a textualidade em foco. In: CORREA J. SPINILLO, Alina G.; LEITÃO S. (Orgs.). **Desenvolvimento da linguagem**: escrita e textualidade. Rio de Janeiro: Nau. 2001. p. 73-116.

_____. O uso de coesivos por crianças com diferentes níveis de domínio de um esquema narrativo. In: DIAS M.G.B.B.; SPINILLO A.G. (Eds.), **Tópicos em Psicologia Cognitiva**. Recife: Editora da UFPE, 1996, p. 84-119.

_____. Era uma vez... e foram felizes para sempre. Esquema narrativo e variações experimentais. **Temas em Psicologia**: desenvolvimento cognitivo: linguagem e aprendizagem, v. 1, p. 67-78, 1993.

_____. O efeito da representação pictográfica na produção de narrativas. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 7, p. 311-326, 1991.

SPINILLO, A.; MARTINS, R. Uma análise da produção de histórias coerentes por crianças. **Psicologia reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200004&lng=es&nrm=iso> Acesso: 24 nov. 2006.

SPINILLO, A. & PINTO, G. Children's narratives under different conditions: a comparative study. **British Journal of Developmental Psychology**, v.12, p. 177-193, 1994.

STAROSKY, P., SALIÉS, T. e GOLDFELD, M. Jogos de brincar são jogos de linguagem: o desenvolvimento de L2 de uma criança surda. In: FROTA, S.; GOLDFELD, M. (Orgs.). **Enfoques em audiologia e surdez**. São Paulo, Am3 Artes, 2006. Cap 19, p. 418-456.

STAROSKY, P. **Jogos de brincar são jogos de linguagem**: o papel da repetição no desenvolvimento de L2 de uma criança surda: uma abordagem terapêutica interacional mediada por jogos com regras. Rio de Janeiro, 2005, Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

TANNEN, D. **Talking voices**: repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse. Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

_____. **Framing in Discourse**, New York, NY, Oxford Press, 1993.

TANNEN, D; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação In: RIBEIRO, B. & GARCEZ, P. (Orgs.). **Sociolingüística Interacional**. 2. ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Loyola, 2002. Cap 7, p. 215-248.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

TICKS, L. O livro didático sob a ótica do gênero. **Linguagem e ensino**, v. 8, n.1, p.15-49, 2005.

VAN LIER, L. From input to affordance: social-interactive learning from an ecological perspective. In: LANTOLF J. (Org.) **Sociocultural Theory and Second Language Learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000, p. 245-59.

_____. Some features of a theory of practice. **TESOL Journal**, v. 4, n. 1, p.6-10, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **Extracts from Thought and Language and Mind in Society**. In: STIERER B.; MAYBIN, J. (Eds.), **Language, Literacy and Learning in Educational Practice**. Clevedon: Multilingual Matters, 1994, p. 45-58.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

7. Anexos

7.1

ANEXO 1 - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO - Baseadas em estudos da Análise da Conversação (Atkinson e Heritage, 1984), Gago (2002) e incorporando símbolos sugeridos por Schifffrin (1987), Tannen (1989), no âmbito da Análise do Discurso.

...	pausa não medida
(0.5)	Pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida.
(2.3)	pausa medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas (engatamento)
<u>sublinhado</u>	ênfase
MAIÚSCULA	fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	fala em voz baixa
>palavra<	fala mais rápida
<palavra>	fala mais lenta
: ou ::	alongamentos
[	início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
[]	colchete abrindo e fechando o ponto da sobreposição, com marcação nos segmentos sobrepostos - sobreposições localizadas
[[	colchetes duplos no início do turno simultâneo (quando dois falantes iniciam o mesmo turno juntos)
()	fala não compreendida
(palavra)	fala duvidosa
(())	comentário do analista, descrição de atividade não verbal
“palavra”	fala relatada
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação
hh	aspiração ou riso
.hh	inspiração
Repetições	Reduplicação de letra ou sílaba
()	dúvidas, suposições, anotações do analista, observações sobre o comportamento não verbal (riso, tosse, atitude, expressão face, gestos, ruídos do meio ambiente, dentre outros)
eh, ah, oh, ih, ahã, humhum	pausa preenchida, hesitação ou sinais de atenção

7.2

ANEXO 2 - CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO - Usadas para representar a LIBRAS. Baseadas em Felipe (1997) e no "Sistema de notação em palavras" no endereço eletrônico: <http://www.ines.org.br/ines_livros/37/37_003.HTM>

{ } sinais da LIBRAS

* * gestos

7.3

Anexo 3 - Transcrição 1 – Terapia com Rodrigo

Turno	Linha		
1.	1	Márcia	((pega o livro e abre na história Chapeuzinho Vermelho))
2.	2	Rodrigo	A chapeuzinho vermelho?
3.	3	Márcia	É. você sabe me contar?
	4		Eu preciso contar pra você ou você já sabe me contar?
4.	5	Rodrigo	((Vira o livro))
5.	6	Márcia	Pode[ver
6.	7	Rodrigo	[eu conto pra você {você}
7.	8	Márcia	Você me conta?
8.	9	Rodrigo	*sim* {eu}
9.	10	Márcia	Então me conta
10.	11	Rodrigo	(onde ta?)
11.	12	Márcia	A:, aqui...daqui pra traz *traz* ((apontando no livro))
12.	13	Rodrigo	Daqui pra cá ((aponta no livro)) *traz*
13.	14	Márcia	esse não ((apontando a história Cachinhos Dourados no livro))
	15		esse não. Esse é cachinhos dourados conhece? ((aponta no livro))
14.	16	Rodrigo	A:: *sim*
15.	17	Márcia	Três ursos e cachinhos dourados
16.	18	Rodrigo	Esse é a mãe, esse pai ((apontando no livro))
17.	19	Márcia	Essa é a? ((aponta a cachinhos dourados no livro))
18.	20	Rodrigo	É uma menina *qualquer*
19.	21	Márcia	Cachinhos↓dourados↑ ((apontando no livro))
20.	22	Rodrigo	A:: tá. cachinhos dourado
21.	23	Márcia	Vai. do chapeuzinho começa aqui ((apontando no livro))
22.	24	Rodrigo	((olha para o texto da história))
23.	25	Márcia	Não é pra você lê não, é pra você é pra me contar.
24.	26	Rodrigo	A:: tá ((bate na cabeça demonstrando que deveria ter entendido antes a proposta))
	27		Aí depois, depois a mãe tava [batendo *batendo bolo*
25.	28	Márcia	[depois não *como assim*
	29		Como como é que começa a história?
26.	30	Rodrigo	((tampa o rosto)) Uma
	31		Calma aí [((olhando para Márcia, com a boca entreaberta)) {para para}
27.	32	Márcia	[começa a história]
	33		Era uma ve:z
28.	34	Rodrigo	É,
	35		Era uma ve:z.
29.	36		A mãe tava batendo uma:: chocolate, bolo *batendo bolo*
30.	37		Não tem, bolo?
31.	38	Márcia	bolo, tem
32.	39	Rodrigo	Aí depois veio a::chapeuzinho
	40		Chapéu o que?
33.	41	Márcia	Chapeuzinho
34.	42	Rodrigo	[vermelho
	43		Aí depois tava passeando ((vira a página))
35.	44	Rodrigo	Aí depois ((vira a página))
	45		Aí o lobo tava escondido ((se encolhendo))
	46		Aí depois virou
	47		Aí o chapeuzinho vermelho

	48		“ai que susto” ((expressão de susto, fala relatada da Chapeuzinho))
	49		“É o lobo” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	50		Aí
	51		“você vai por aqui” ((fala relatada do lobo)) *caminho*
36.	52	Márcia	*sim*
37.	53	Rodrigo	Aí foi por aqui *caminho*
38.	54		Aí não calma aí {espera}
	55		Aí chapeuzinho ((apontando no livro)) pegou a flor
	56		Aí o lobo, ai lobo pegou aqui xi::: tava aqui escondido *escondido*
	57		Aí ele foi embora *embora*
	58		Foi pra casa da avó dela ((apontando no livro))
39.	59	Márcia	*sim*
40.	60	Rodrigo	Aí foi pra cá, aqui tá demorando ((mostra o caminho da Chapeuzinho))
	61		aqui é mais rápido ((mostra o caminho do lobo))
	62		Né?
41.	63	Márcia	Ahã *sim*
42.	64	Rodrigo	Aí depois... Aí depois
	65		“a minha minha avó tá chegando” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	66		“Oba” ((comemorando, fala relatada da Chapeuzinho))
	67		Aí depois ele bateu na porta ((bate na porta, referindo-se ao lobo))
	68		Aí a vovó, aí,
	69		“quem é?” ((fala relatada da vovó))
	70		Aí
	71		“Lobo” ((fala relatada do lobo))
	72		Falou
	73		“lobo” ((expressão de susto, fala relatada da vovó))
	74		hh
43.	75	Márcia	Ele {ele} falou que era o lobo?
44.	76	Rodrigo	É *sim*
45.	77	Márcia	*não*
46.	78	Rodrigo	Aí
	79		“não quero abrir a porta não” ((se encolhendo de medo, fala relatada da vovó))
	80		((vira a página)) esse eu já falei ((se referindo a ilustração do lobo na porta, vira a página))
	81		Aí depois ele abriu a porta *abrir a porta*
	82		Ai depois vovó tá dormindo *dormindo*
	83		“°A:::°” ((põe a mão no rosto, representando a avó))

	84		Aí depois ele pegou, ele, aí::=
47.	85	Márcia	=Fez o que com a vovó?
48.	86	Rodrigo	É::=
49.	87	Márcia	=O que que fez com a vovó
50.	88	Rodrigo	(é:: comida?)
51.	89	Márcia	Comeu a vovó
52.	90	Rodrigo	É
	91		Comeu ela
	92		Aí depois pegou a roupa roupa dela
	93		Aí depois tirou os óculos {óculos}

	94		((olha os “óculos” com cara de reprovação))
	95		Aí depois limpou e colocou *limpou óculos*

53.	96	Rodrigo	Aí depois (ela) bateu na porta ((bate na porta, refere-se à Chapeuzinho))
	97		Aí ele falou assim
	98		“pode entrar” ((fala relatada do lobo))
	99		Aí ele se escondeu
	100		Aí depois ((olha a página seguinte, mas volta a página anterior))
	101		aí ele falou assim, ele falou assim
	102		“que nariz gra:nde” ((fala relatada da Chapeuzinho)) {nariz grande}
	103		Ai
	104		“pra sentir seu cheirinho” ((fala relatada do lobo)) *cheiro*
	105		“Que boca grande” ((fala relatada da Chapeuzinho)) {boca}
	106		“É pra falar” ((fala relatada do lobo))

54.	107	Márcia	É pra falar a boca?
55.	108	Rodrigo	*sim* hh
56.	109	Márcia	[Pra que que ele falou que era a boca? ((aponta o livro))
	110		“Que boca grande é essa?” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	111		Que que ele respondeu?
57.	112	Rodrigo	Oi?

58.	113	Márcia	Que que-
	114		A Chapeuzinho perguntou
	115		“que boca grande é essa?”
	116		Que que o lobo falou?
59.	117	Rodrigo	“É pra falar” ((fala relatada do lobo, tampa a boca))
60.	118	Márcia	Pra falar não *não*
	119		“E pra te comer↑” ((fala relatada do lobo, faz como se fosse pegar Rodrigo)) {comer}
61.	120	Rodrigo	A é,
	121		“É pra te comer, é pra te comer” ((fala relatada do lobo))

62.	122	Márcia	Aí o que que aconteceu.
63.	123	Rodrigo	Aí depois (ele- ele pegou óculos) *jogou*
	124		“Eu to com fome” ((fala relatada do lobo)) {fome}
64.	125	Rodrigo	Ai pegou ele ((referindo-se à chapeuzinho))
65.	126	Márcia	Ela
	127		Ela ((apontando a chapeuzinho no livro))
66.	128	Rodrigo	É,
	129		ela *sim*

	130	Rodrigo	Aí depois, o
	131		Como é o nome? ((apontando o caçador no livro))
67.	132	Márcia	Caçador
68.	133	Rodrigo	É,
	134		caçador
	135		Aí
	136		“eu ouvi” ((fala relatada do caçador)) {eu ouvi}

	137		Aí o cachorro
	138		“u::::” ((imita o latido do cachorro))

69.	139	Rodrigo	Aí depois () aí ele saiu correndo
	140		((vira e desvira a página duas vezes, e fica de boca aberta olhando a ilustração com expressão facial de espanto))
70.	141	Márcia	Aí, conta, agora conta
	142		O caçador fez o quê?
71.	143	Rodrigo	Aí caçador
	144		Aí caçador matou o::: lobo {atirar}
72.	145	Rodrigo	Aí depois...
	146		Aí depois ele comeu (a barriga, não tem aqui?) ((aponta o livro)) {barriga}
73.	147	Márcia	*sim*
74.	148	Rodrigo	Aí depois ele foi::: pegar
	149		Como é o nome daquele negócio? *costura*
75.	150	Márcia	Não
	151		Primeiro ele rasgou a barriga do lobo *rasgou*
76.	152	Rodrigo	É,
	153		rasgou *rasgou*
77.	154	Márcia	Com a navalha
	155		Aí tirou quem?
78.	156	Rodrigo	Aí depois tirou o chapeuzinho vermelho e a vovó ((apontando as personagens no livro))
79.	157	Márcia	Mas o lobo não comeu↑ a chapeuzinho↓ ((aponta a chapeuzinho no livro)) *não*
	158		Ele só tentou comer ((corre com o dedo na mesa))=
80.	159	Rodrigo	=a:: é=
81.	160	Márcia	=Ele comeu a vovó. Ele tirou a vovó *tirou*
82.	161	Rodrigo	[*sim sim*]
	162		Aí depois ficou feliz {sempre}
83.	163	Márcia	Eles ficaram muitos felizes
	164		Muito bem
	165		Conto lindo a história

84.	166	Márcia	Vem cá ((vira a página))
	167		Você:: lembra o que a mãe da chapeuzinho falou pra ela? {você}
	168		“Chapeuzinho não vá pela floresta que é muito perigoso” ((fala relatada da mãe, dedo em riste))
	169		E o que que a chapeuzinho fez?
85.	170	Rodrigo	ela falou assim
	171		“tudo bom” ((fala relatada da Chapeuzinho))
86.	172	Márcia	Não
87.	173	Rodrigo	Falou assim (esqueci)

88.	174	Márcia	A mãe falou
	175		“chapeuzinho não vá pela floresta, é muito perigoso” ((dedo em riste))
	176		Aí chapeuzinho falou
	177		“ta bom mãe” *sim*
	178		E a chapeuzinho obedeceu a mãe?
89.	179	Rodrigo	Obedeceu

90.	180	Márcia	Não
	181		Ela foi pela floresta ((apontando no livro))
	182		Por isso que ela encontrou o lobo ((apontando no livro))
91.	183	Rodrigo	A::é
92.	184	Márcia	Ai o lobo enganou ela né?
93.	185	Rodrigo	*sim*
94.	186	Márcia	Ta vendo como é perigoso
95.	187	Rodrigo	*sim*
96.	188	Márcia	Tem que obedecer o que a mamãe fala

	189	Márcia	Muito bem você contou lindo
	190		Muito lindo
	191		Quando o lobo bateu na porta ((aponta no livro))
	192		Ele fingiu que ele era vovó- que ele era a chapeuzinho
	193		Por isso a vovó abriu a porta
	194		Porque o lobo falou assim
	195		“Sou eu chapeuzinho”

97.	196	Rodrigo	Sabe, é por que, é por que ele ((apontando o Lobo no livro)) queria comer o::: chapeuzinho vermelho
98.	197	Márcia	*sim* ele queria comer a vovó e o chapeuzinho
99.	198	Rodrigo	*sim*
100.	199	Márcia	É isso mesmo
	200		Muito bem
101.	201	Rodrigo	Ai depois comeu ele= ((apontando a vovó no livro))
102.	202	Márcia	=ela, ela, ela é ela ((apontando a vovó no livro))
103.	203	Rodrigo	((tampa a boca reconhecendo o erro))
104.	204	Márcia	Hh *sim*
105.	205	Rodrigo	Aí ela viu o lobo, aí depois ele pegou comeu, botou na barriga {barriga}
	206		Ai depois...ai depois o lobo trocou a roupa {roupa}
	207		Ele tava dormindo
	208		Ai depois a chapeuzinho veio ((batendo na porta))
	209		Bateu na porta ((bate na porta))
	210		Ai ele falou assim,
	211		“pode entrar” ((fala relatada do lobo))
	212		Ai
	213		“que nariz desse tamanho” *grande* ((fala relatada da Chapeuzinho))
	214		[hh
106.	215	Márcia	[Muito bem você já contou
107.	216	Rodrigo	Ai depois {boca} boca, aí depois falou assim
	217		“que boca é essa” ((fala relatada da Chapeuzinho))
	218		hh
	219		“É porque, é porque te comer {comer}”((fala relatada do lobo))
108.	220	Márcia	“É pra te comer↑”((fala relatada do lobo))
109.	221	Rodrigo	E come
	222		Depois ele...ele...ele...ele
	223		Aí ele tirou a roupa
	224		Ele tava *rodando* rodando rodando rodando
	225		Ai o caçador ouviu
	226		((vira a cabeça para ouvir)) “O lobo ta, o barulho” ((fala relatada do caçador))
	227		Ai abriu *cortou* a barriga
	228		Ele cortou {cortar} a barriga ai depois matou {matar}
	229		Ai depois tirou a vovó
110.	230	Márcia	Isso
111.	231	Rodrigo	Avó

	232		Ai depois o chapeuzinho vermelho foi feliz
112.	233	Márcia	Muito bem

7.4

Anexo 4 - Transcrição 2 – Terapia com Luna

turno		linha	
1.	Márcia	1.	Você conhece a estória da Chapeuzinho Vermelho? ((abrindo o livro))
2.	Luna	2.	((levanta da cadeira para ver melhor o livro)) (conhece) *sim*
3.	Márcia	3.	Conhece?
4.	Luna	4.	*sim*
5.	Márcia	5.	Você sabe me contar?
6.	Luna	6.	(essa aqui?) ((apontando no livro))
7.	Márcia	7.	É, essa é da Chapeuzinho
		8.	Você sabe me contar?
8.	Luna	9.	*sim*
9.	Márcia	10.	Sabe?
		11.	Então me conta.
10.	Luna	12.	(aonde, aqui?) ((apontando no livro))
11.	Márcia	13.	É, da Chapeuzinho.
		14.	Sabe contar?
		15.	Quer que eu conte?
12.	Luna	16.	*sim*
13.	Márcia	17.	Quer?
14.	Luna	18.	*sim*
15.	Márcia	19.	Era uma vez, uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. A mamãe dela pediu para ela levar uns doces para a casa da vovó, porque a vovó tava muito doentinha.
		20.	Aí a mamãe falou assim
		21.	“Chapeuzinho, não vá pelo caminho da floresta porque lá é muito perigoso!”
		22.	A Chapeuzinho desobedeceu a vovó, pegou o caminho da floresta.
		23.	Ela tava andando toda feliz pela floresta, quando de repente ((voz de mistério))
		24.	Quem que ela encontrou?
16.	Luna	25.	O Lobo! ((apontando para o livro))
17.	Márcia	26.	Lobo Mau.
18.	Márcia	27.	Lobo Mau falou
		28.	“Oi!”
		29.	Fingiu que era amigo dela,
		30.	“Oi Chapeuzinho! Pra onde você vai?”
		31.	Aí ela falou
		32.	“Vou pra casa da vovó que tá doente. Vou levar docinhos”
		33.	“Ah, Chapeuzinho pegue umas florzinhas pra dar pra sua vovó e vá por esse caminho”
		34.	“Ah, boa idéia seu Lobo Mau!”
		35.	E o Lobo Mau pegou um caminho mais rápido, foi andando bem rápido, chegou antes da Chapeuzinho.
		36.	Ele enganou a Chapeuzinho.
		37.	Ele foi bem rápido,
		38.	Olha ele correndo, ó! ((apontando para o livro)) pra chegar na casa vovó.
		39.	Essa é a casa da vovó ((apontando no livro)).
		40.	quando ele chegou [lá: ((voz de mistério))
19.	Luna	41.	[ele bateu na porta, vai comer a vovó.
20.	Márcia	42.	Vai comer a vovó mesmo.

		43.	Aí ele bateu na porta e a vovó perguntou
		44.	“Quem é?”
		45.	O que que ele falou? Você sabe?
21.	Luna	46.	“é o chapeuzinho!” ((ri, tampa a boca e imita a voz da chapeuzinho))
22.	Márcia	47.	isso aí
		48.	“é o chapeuzinho vermelho”
		49.	Aí a vovó falou
		50.	“Pode entrar minha netinha”
		51.	Aí ele entrou e a vovó viu que era o lobo, tomou um susto e o lobo (.) comeu a vovó.
		52.	Aí o lobo botou a roupa da vovó e deitou na cama para fingir que ele era a vovozinha.
23.	Luna	53.	(chapeuzinho vermelho) ((apontando a Chapeuzinho no livro))
24.	Márcia	54.	*sim*
		55.	Quando a Chapeuzinho chegou, primeiro ela achou que era a vovó, ele tinha a roupinha da vovó, tinha a camisola da vovó. Mas ela achou a vovó diferente.
		56.	Aí ela perguntou,
		57.	“Vovó, que olhos tão grandes!”
		58.	“É pra te ver melhor minha netinha”
		59.	“Vovó, que nariz tão grande!”
		60.	“É pra te cheirar melhor minha netinha”
25.	Luna	61.	hh
26.	Márcia	62.	“Vovó, que boca tão grande!”
		63.	“É pra te come::r!”
		64.	e correu atrás da Chapeuzinho.
		65.	A Chapeuzinho gritou
		66.	“Socorro, é o Lobo Mau, socorro!”
		67.	Aí o caçador que tava passeando pela floresta, ouviu a Chapeuzinho e foi lá ver o que que aconteceu.
		68.	Ele entrou na casa da vovó, matou o lobo, abriu a barriga do lobo, tirou a vovó lá de dentro e a vovó e a Chapeuzinho viveram felizes para sempre.
27.	Márcia	69.	Agora você conta pra mim?
28.	Luna	70.	*sim* ((aguarda Márcia colocar no início da história)) Chapeuzinho Vermelho. Chapeuzinho Vermelho. A mãe dela mandou levar docinho pra vovó, ela tá doente. A ma- a mamãe dela falou
		71.	“(cuidado) caminho é longe e perigoso”
29.	Márcia	72.	Isso,
		73.	não vai pela floresta porque é longe e perigoso,
		74.	não é?
30.	Luna	75.	A Chapeuzinho Vermelho chegou no caminho, a Chapeuzinho Vermelho viu o lobo.
		76.	O lobo falou
		77.	“Aonde você vai?” ()
31.	Márcia	78.	Hã?
32.	Luna	79.	() Eu vou levar- eu vou na vovó levar docinho (tá doente)
		80.	Ele foi lá no caminho, chapeuzinho (vai no caminho) longe
33.	Márcia	81.	Ele ensinou pra chapeuzinho o caminho mais longe, *longe*
		82.	né?
34.	Luna	83.	Aí o lobo falou
		84.	“Leva uma florzi:nha pra vovózinha:: ”
35.	Márcia	85.	Por que que ele falou isso?
36.	Luna	86.	Porque (ela ia pegar florzinha, ele ia caminho pertinho), aí ele correu
37.	Márcia	87.	Pra Chapeuzinho ficar aqui demorando, né?
		88.	E ele correu. Ele enganou a Chapeuzinho, né?
		89.	Ele falou
		90.	“Cata as florzinhas.” ((apontando o livro))

		91.	Que aí a Chapeuzinho ia ficar demorando, e aí ele correu pra comer a vovó. *demorando*
		92.	Foi isso?
38.	Luna	93.	O lobo correu () o lobo correu, chegou na casa da vovó, chegou na casa da vovó. ((Márcia vira a página)) Aí ele chegou, bateu na porta, aí, aí, aí o lobo foi falar.
		94.	“Quem é? Quem é?”
		95.	“Eu sou a Chapeuzinho Vermelho ((imitando a voz da personagem e rindo))”
39.	Márcia	96.	hh
40.	Luna	97.	“vou entrar!”
		98.	(ele entrou) Aí ele entrou, aí ela abriu, a vovó levou um susto (era o lobo) aí o lobo foi comer comida.
41.	Márcia	99.	Comeu comida?
		100.	Comeu quem?
42.	Luna	101.	A vovó. ((rindo))
43.	Márcia	102.	A vovó::
44.	Luna	103.	Chapeuzinho... a vovó... o lobo comeu a vovó.
	Luna	104.	A Chapeuzinho viu a vovó.
		105.	“Ih, vovó (cabeção), ih vovó narizão”
45.	Márcia	106.	“Tão grande. Que nariz tão grande!”=
46.	Luna	107.	=“tão grande (que nariz tão grande),
		108.	ih vovó tá boca tão grande!”=
47.	Márcia	109.	=“tão grande...”
		110.	Aí o que que o lobo falou?
48.	Luna	111.	(é de lobo)
49.	Márcia	112.	Não.
		113.	“É pra te come::r!”
50.	Luna	114.	“É pra te comer.”
51.	Márcia	115.	É. E aí?
52.	Luna	116.	O Lobo Mau correu. Vou esperar. Aí a Chapeuzinho (aí a chapeuzinho gritou)
		117.	“socorro (é o lobo mau), socorro!”
53.	Márcia	118.	“socorro, socorro!”
		119.	aí quem ouviu a chapeuzinho (berrando)?
54.	Luna	120.	(homem) ((apontando o caçador no livro))
55.	Márcia	121.	Caçador.
56.	Luna	122.	(Caçador)
57.	Márcia	123.	Caçador ((corrigindo a fala de Luna))
58.	Luna	124.	(Caçador), caçador ((corrigindo-se))
		125.	Aí caçador, (escutou aquele barulho). É:: aí o caçador foi matar o lobo, puxou a vovó.
59.	Márcia	126.	Tirou a vovó de dentro da barriga.
60.	Luna	127.	[Aí ele matou, morreu.=
61.	Márcia	128.	=O lobo morreu *sim*.
62.		129.	E a vovó?=-
63.	Luna	130.	=Aí o caçador tirou a vovó.
		131.	A Chapeuzinho Vermelho chegou.
64.	Márcia	132.	E elas ficaram?
65.	Luna	133.	Feliz.
66.	Márcia	134.	Para?
67.	Luna	135.	Para casa.
68.	Márcia	136.	Para sempre.
69.		137.	Felizes para sempre.

7.5

Anexo 5 - Transcrição 3 – Terapia com Pedro

Turno	linha		
1.	1	Márcia	Você gosta de livro?
2.	2	Pedro	*sim*
3.	3	Márcia	Gosta? Você conhece a história do Chapeuzinho Vermelho?
4.	4	Pedro	((olha com curiosidade para o livro)).
5.	5	Márcia	Conhece a chapeuzinho vermelho?
6.	6	Pedro	*não*
7.	7	Márcia	Não? Nunca viu a chapeuzinho vermelho?
	8		Então vou contar a história dela. ((procura a história)). Tá aqui ela.
	9		Vou te mostrar.
	10		Tira a mãozinha pra eu botar aqui. Tira a mãozinha.
	11		Pedro. Tira o braço pra eu botar aqui
8.	12	Pedro	((tira a mão))
9.	13	Márcia	((põe o livro na mesa))
10.	14		Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.
	15		Olha aqui.((apontando para Chapeuzinho no livro)).
	16		Por que você acha que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
11.	17	Pedro	*não sei* *não* ((fica olhando o livro)) Não sei.
12.	18	Márcia	[Não sabe?
	19	Márcia	Não?
	20		Olha pra ela. ((Apontando o livro))
	21		Por que será que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
13.	22	Pedro	() falou que é pra levar lá na vovó.
14.	23	Márcia	Ah você conhece a história!

	24	Márcia	Mas por que será que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
15.	25	Pedro	Não sei *não sei*
16.	26	Márcia	Olha a roupa dela. (aponta para o livro)
17.	27	Pedro	A roupa dela...é..a roupa... a roupa...é a roupa é verde.
18.	28	Márcia	Verde?
19.	29	Pedro	Não vermelho. *não*
20.	30	Márcia	Vermelho.
21.	31		Ó tem o chapéu vermelho, por isso que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho.
	32	Márcia	Ahn, aí essa mulher é quem?
22.	33		Você que falou
23.	34		“A mulher mandou ela”
24.	35	Pedro	Vai ler tudo?
25.	36	Márcia	Não. Vou ler só da Chapeuzinho, tá.
	37		Vai ser muito legal, presta atenção.
	38		Essa mulher é quem? Quem você acha que é?
26.	39	Pedro	*não sei* *não*
27.	40	Márcia	É a mamãe dela.
	41		A mamãe falou
	42		“Chapeuzinho, leva esses doces pra vovó, a vovó ta doente.”
	43		Aí a mãe falou assim
	44		“Não vai pela floresta, é perigoso. você me obedece, hein. Não vai pela floresta.”
	45		Mas a Chapeuzinho desobedeceu. Foi andando pela floresta,
	46		e quando ela foi andando, ela encontrou o::?
28.	47	Pedro	((silêncio))

29.	48	Márcia	O lobo mau.
	49		Aí o lobo mau falou
	50		“Chapeuzinho aonde você vai?”
	51		Aí ele fingiu que era amigo, mas era mentira, ele não é amigo.
	52		Ele fingiu que era amigo dela.
	53		“Onde você vai?”
	54		Ela falou
	55		“Vou na casa da vovó”.
	56		“Ahh que que você vai fazer lá?”
	57		“Vou levar docinhos.”
	58		“Hum, então você pega umas flores.”
	59		O lobo mau falou, porque ele é mau
	60		“Então você pega umas flores e vai por esse caminho aqui.”
	61		Só que era um caminho longe, e o lobo mau ((estala os dedos)) correu pelo o caminho mais rápido.
	62		Quem você acha que chegou primeiro?
30.	63	Pedro	((esboça uma resposta, mas não fala nada))
31.	64	Márcia	Quem será que chegou primeiro na casa da vovó?
32.	65	Pedro	*não sei*
33.	66	Márcia	Ó, a Chapeuzinho foi no caminho longe: e o lobo mau foi no caminho perto.
	67		Quem você acha que chegou primeiro?
34.	68	Pedro	() foi pra casa da vovó.
35.	69	Márcia	É, foi correndo pra casa da avó.

	70	Márcia	E o lobo mau chegou primeiro, olha.
	71		Ele foi andando pelo caminho que era menor, o caminho mais perto.
36.	72	Pedro	Aqui ((Apontando a casa no livro))
37.	73	Márcia	É, aqui.
	74		E ele chegou aqui na porta da casa da vovó.
	75		Aí ele bateu. ((bate na mesa)).
	76		A vovó perguntou
	77		“Quem é?”.
	78		Aí ele mentiu de novo:
	79		“Sou eu, a Chapeuzinho.”
	80		Olha que mentira!
	81		“Sou a Chapeuzinho! Abre a porta, vovó”.
	82		A vovó abriu a porta.
	83		“Que susto!”
	84		Era o lobo mau, não era a Chapeuzinho!
	85		O lobo mau comeu a vovó! Comeu a vovó!
	86		Ele botou a roupa da vovó, os óculos, a touca, a camisola e deitou na cama pra esperar a Chapeuzinho chegar.
	87		Quando a Chapeuzinho chegou, ela falou
	88		“Ué vovó! Você tá tão diferente! Por que que você tem os olhos tão grandes?”
	89		Aí o lobo falou
	90		“É pra te ver melhor!”
	91		“Ô vó, por que que você tem um nariz tão grande?”
	92		“É pra te cheirar melhor!”
	93		“Vovó, por que você tem uma boca tão grande?”
	94		“É pra te comer!!”
	95		Aí o lobo correu pra pegar a Chapeuzinho.
	96		Ela ficou com medo, ela começou a correr berrando
	97		“Socorro! Socorro!”
	98		Aí lá perto tinha um caçador, que escutou a Chapeuzinho berrando.

	99		Ele chegou,
	100		Ó o caçador ((apontando para o livro)),
	101		escutou a Chapeuzinho berrando,
	102		aí ele correu pra casa da vovó, matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro do lobo mau
	103		e a vovó e a Chapeuzinho ficaram muito felizes!
	104		Muito bem!
38.	105	Márcia	Quer contar pra mim agora?
39.	106	Pedro	*não*.
40.	107	Márcia	Não? Nadinha?
	108		Então vamos ver aqui.
	109		Ô a história é de quem?
41.	110	Pedro	((tenta ver o restante do livro))
42.	111	Márcia	Depois eu te conto as outras, depois eu conto.
	112		A história é de quem?
	113		Essa história que eu te contei?
	114		Essa sobre-
	115		qual o nome da menina da história?
	116		qual o nome dessa menina da história?
43.	117	Pedro	E... é...é...
44.	118	Márcia	Chapeuzinho...
45.	119	Pedro	Vermelho.
46.	120	Márcia	E o que que a mãe dela falou?
47.	121	Pedro	A mãe dela falou ((boceja falando)) pra ir na casa da vovó.
48.	122	Márcia	E, na casa da vovó.
	123		Pra levar o que?
49.	124	Pedro	Ahn?
50.	125	Márcia	Pra ela levar o que na casa da vovó?
51.	126	Pedro	Doce.
52.	127	Márcia	Por que?
53.	128	Pedro	Porque, porque é pra comer, ela tá doente.
54.	129	Márcia	Isso. ((virando a página))
	130	Márcia	Aí a Chapeuzinho fez o que? Ela foi pelo caminho que a mamãe mandou?
55.	131	Pedro	Ela falou, ela falou... ele falou...tu vai pra onde? Pra casa da vovó
56.	132	Márcia	Ahan e aí? *sim*
57.	133	Pedro	Aí ela correu...ele falou não.
	134		Aí bateu na porta ((bate na mesa)), aí...
	135		((olha para Márcia))
58.	136	Márcia	Aí a vovó perguntou: “Quem é?”
59.	137	Pedro	“Quem é?”
60.	138	Márcia	Aí que que o lobo mau falou?
61.	139	Pedro	*não sei*
62.	140	Márcia	“É a Chapeuzinho Vermelho”.
	141		Ele fingiu...
63.	142	Pedro	“É a Chapeuzinho Vermelho”((Vira a página))
	143	Pedro	Aí ele pegou a vovó, comeu.
	144		Aí, ela ((referindo-se à Chapeuzinho))
	145		“() por que?”
	146		“Porque pra te cheirar ((aponta para o nariz))”.
	147		“Por que... cadê a boca grande?”
	148		“É pra comer!”

64.	149	Márcia	É pra te comer!
	150	Márcia	E aí? A Chapeuzinho fez o que?
65.	151	Pedro	“Vovó” ((fala relatada da Chapeuzinho))
66.	152	Márcia	“Socorro!” ((fala relatada da Chapeuzinho))
67.	153	Pedro	(ele) ouviu, foi correndo, ((vira a página))
	154		aí vovó::
68.	155	Márcia	Matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro da barriga,
	156		e elas viveram felizes para sempre!
	157		Legal Pedro↑

7.6

Anexo 6 - Transcrição 4 – Terapia com Thiago

turno	linha		
1.	1.	Márcia	Você gosta de livro?
2.	2.	Thiago	*sim*
3.	3.	Márcia	Quem que lê livro pra você? Aline?
4.	4.	Thiago	é
5.	5.	Márcia	É?
	6.		Você não tá com saudade dela não?
6.	7.	Thiago	Nã:o.
7.	8.	Márcia	Vou falar pra ela que você não ta com saudade dela.
	9.		((abre o livro)) Ela gosta tanto de você.
8.	10.	Márcia	Você conhece essa menina aqui? ((Mostrando no livro))
9.	11.	Thiago	((sorri)) Menina::
10.	12.	Márcia	Conhece ela? Quem é essa menina?
11.	13.	Thiago	Menina::
	14.		aí ia andando, (aí ia passando, o lobo queria comida, ela tá passando)
12.	15.	Márcia	E qual o nome dela, você sabe?
13.	16.	Thiago	Não sei ((expressão de estranhamento)) *não*
14.	17.	Márcia	cha:: pe:u
15.	18.	Thiago	Chapéu ((sorri para Márcia))
16.	19.	Márcia	Chapeuzinho?
17.	20.	Thiago	Chapeuzinho.
18.	21.	Márcia	Vermelho.
19.	22.	Thiago	Vermelho.
20.	23.	Márcia	Porque↑ que o nome dela é Chapeuzinho Vermelho?
21.	24.	Thiago	tem uma capa um chapéu. {capa chapéu}
22.	25.	Márcia	Ahh, tem uma capa e um chapéu.
	26.	Márcia	De que cor?
23.	27.	Thiago	(ela foi andando) com isso aqui ó ((apontando a cesta da Chapeuzinho)) (foi passando) *?* ((representando um objeto pequeno))
24.	28.	Márcia	Tá o que?
25.	29.	Thiago	(foi passando) *?* ((representando um objeto pequeno))
26.	30.	Márcia	°passando?°
27.	31.	Thiago	*sim*
	32.	Márcia	esse aqui ó, a mamãe de:la
28.	33.	Thiago	ã
29.	34.	Márcia	vou contar pra você a história.
	35.		a- era uma vez↑ uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho.

	36.		tem que fechar tem por causa do barulho ((falando com a pesquisadora))
	37.		<u>A mamãe</u> pediu pra ela levar os doces na casa da vovó, porque vovó tava doente.
30.	38.	Thiago	A vovó ta doente::
	39.		aí pegou (jogou as coisas da) vovó, *jogou*
	40.		aí (ficou parado) *parado*
	41.		isso aqui ó ((tenta ir para a próxima página do livro))
31.	42.	Márcia	Mas eu vou contar perai.
32.	43.		Aí a mamãe falou
	44.		“Chapeuzinho, não vai pela floresta, hein? Ai ai ai, não pode pela floresta” ((dedo em riste))
33.	45.	Thiago	Não pode bagunça {bagunça}.
34.	46.	Márcia	Bagunça não. {não}
	47.		é perigoso. ((vira a página)).
	48.	Márcia	mas a Chapeuzinho foi pela floresta.
	49.		sabe quem que ela encontrou na floresta?
35.	50.	Thiago	o vermelho (chapeuzinho vermelho), ((Apontando a Chapeuzinho no livro)) (o lobo, queria comer) ((apontando o Lobo)) isso aqui ó. ((apontando a cesta da Chapeuzinho))
36.	51.	Márcia	ó aí ela foi andando por-
	52.		é *sim*,
	53.		aí ela encontrou o lobo que QUERIA comer a comida dela.

	54.	Márcia	aí o lobo:: ((voz de mistério))
37.	55.	Thiago	[foi pra casa= {casa}]
38.	56.	Márcia	=é:
39.	57.	Thiago	vovó
40.	58.	Márcia	isso
	59.		Aí o lobo que era <u>muito</u> mau, falou assim:
	60.		“Chapeuzinho, pra onde você vai?” ((altera a voz))
	61.		Ele fingiu que era <u>amigo</u> dela, mas ele NÃO é amigo. {NÃO}

41.	62.	Thiago	Aí ele vai: vovó: aí ele vai... a- {abre}, vai... *coloca* a- coloca a vovó:, aí {fecha} a- fecha a porta:
	63.		aí vovó: (amarra) *amarra a boca*
42.	64.	Márcia	É, colocou a roupa da vovó,
	65.		a gente vai chegar lá!
	66.	Márcia	Aí ele falou
	67.		“Chapeuzinho aonde você vai?”
	68.		“Eu vou na casa da vovó levar docinho”
	69.		Então ele falou ((apontando o Lobo no livro))
	70.		“ó, pega essas florzinhas e vai por esse caminho aqui”
	71.		Só que esse caminho, era lo:::nge, ((passando o dedo no caminho feito pela Chapeuzinho))
	72.		[e o lobo mau foi pelo caminho mais rápido. ((passando dedo no caminho feito pelo Lobo))
43.	73.	Thiago	[((passando o dedo no caminho feito pela Chapeuzinho))
44.	74.	Márcia	Quem será que chegou primeiro?
45.	75.	Thiago	É:: é:: ele correndo pra casa.
46.	76.	Márcia	Correu.
	77.		E quem chegou primeiro na casa da vovó?

47.	78.	Thiago	Vovó? =
48.	79.	Márcia	=ó o [lo-
49.	80.	Thiago	[Tá doente
50.	81.	Márcia	É *sim*, tava doente.
	82.		Aí o lobo mau foi corre[ndo,
51.	83.	Thiago	[ó vovó= ((mostra a casa da Avó no livro))
52.	84.	Márcia	=e chegou na casa da vovó.
	85.		Ele bateu na porta ((bate na mesa)), aí a vovó perguntou
	86.		“quem é?”.

	87.		Aí ele falou
	88.		“Sou eu, a Chapeuzinho!” ((alterando a voz))
	89.		É verdade?
53.	90.	Thiago	*sim*
54.	91.	Márcia	É <u>verdade</u> ?
55.	92.	Thiago	*sim*
56.	93.	Márcia	Ele é a Chapeuzinho?
57.	94.	Thiago	Nã::o.
58.	95.	Márcia	Não,
59.	96.		ele é o lobo!

	97.		Ele mentiu pra vovó. A vovó abriu a porta
	98.		“É o lobo! Que susto! Que medo!”
	99.		Que que o lobo fez?
60.	100.	Thiago	Ele pegou::, ele (o lobo) pegou a vovó, fechou a porta. {pegou} {fechou}
61.	101.	Márcia	Botou a vovó dentro do armário e trancou a porta.
62.	102.	Thiago	(aí colocar ele:: colocar) aqui a cama ((aponta a cama no livro)) {touca} {touca}
63.	103.	Márcia	Aí ele <u>vestiu</u> a roupa da vovó. ((vira a página))
64.	104.	Thiago	(aí, aí aqui ó) ((apontando algo no livro))
65.	105.	Márcia	Peraí ó,
	106.		Ele vestiu a roupa da vovó, botou a touca, os óculos e deitou embaixo do cobertor da vovó.
	107.		Aí a Chapeuzinho chegou...
66.	108.	Thiago	aí ele [((apontando a Chapeuzinho))
67.	109.	Márcia	[Chapeuzinho vermelho
68.	110.	Thiago	(chapeuzinho) Vermelho, (chapeuzinho) chegou que bagunça! {bagunça}
69.	111.		aí ([]) * *
70.	112.	Márcia	[Que que a chapeuzinho perguntou?
	113.		“vovó, que nariz tão grande é esse?”
	114.		[aí-
71.	115.	Thiago	[vovó, (que nariz) é esse?
72.	116.	Márcia	*sim*
	117.		Aí a vovó falou
	118.		“é pra te cheirar melhor”.
	119.		“Vovó, que olho tão grande é esse?”.
	120.		“É pra te ver melhor!”
	121.		“Vovó que boca tão grande é essa?”
	122.		“É pra te <u>comer</u> !” ((faz como se pegasse Thiago))
	123.		O lobo correu atrás da Chapeuzinho, a Chapeuzinho ficou com medo, ela gritou
	124.		“Socorro! [Socorro!”
73.	125.	Thiago	[() *arma* Pow, pow!
74.	126.	Márcia	O caçador escutou ela gritando socorro!

75.	127.	Thiago	[escutou {escutou}
	128.		cachorro andando. ((finge que guia o cachorro))
76.	129.	Márcia	Tava andando com o cachorro, o caçador.
77.	130.		Aí ele foi pra casa da vovó, tiro- matou o lobo mau, tirou a vovó de dentro do armário e elas viveram felizes para sempre!
78.	131.	Thiago	Morreu o lobo {lobo}.
79.	132.	Márcia	Morreu, matou o lobo.
	133.		Conta agora pra mim ((procura página inicial)) Conta aqui pra mim
80.	134.	Thiago	Chapeuzinho Vermelho, a mamãe ((aponta as personagens))
	135.		“vamo lá, vamos pra vovó”.
	136.		(o lobo, chapeu) chapeuzinho vermelho (ele::) vamo pegar o começo aqui ó ((apontando o caminho no livro)), (e vai andando)=
81.	137.	Márcia	=o lobo quer comer né *sim*
82.	138.	Thiago	o lobo? fica aqui ó ((aponta outro caminho no livro)),
	139.		achou o casa {casa} ((vira a página))
	140.		aqui ((aponta a casa)) achou casa vovó, aí tá
83.	141.	Thiago	“Quem é?”
	142.	Thiago	“Sou eu”
84.	143.	Márcia	Chapeuzinho Vermelho! ((imitando a voz da personagem))
85.	144.	Thiago	((olha para Márcia e sorri))
86.	145.	Márcia	hhhhh
87.	146.	Thiago	((sorri para Márcia)) É::,
	147.		chapéu Vermelho
	148.		ele entrou porta: ((vira a página))
	149.		fechou. ele pegou, pegou vovó fechou porta <pch::[i::u::> {fechou} {pegou}, e {fechou}
88.	150.	Márcia	[botou dentro
89.	151.	Thiago	((olha para Márcia)) botou dentro
	152.		aí ele tira tira tira tira *tira tira tira tira* ((passando a mão na ilustração do Lobo))
	153.		botou aqui ((apontando a cabeça do Lobo))
90.	154.	Márcia	Botou o que? Ele tirou a roupa dele e botou o que?
91.	155.	Thiago	é *sim* botou
92.	156.	Márcia	A roupa da::?
93.	157.	Thiago	ô: ((vira a página))
94.	158.	Márcia	da vovó, né?
95.	159.	Thiago	vovó ()
96.	160.	Márcia	Vovó aqui/
97.	161.	Thiago	[pegou, passou (comer... é:: ele comer...ele, ele comer). falou
	162.		“Socorro!”
	163.		aí (por ali passando, chamar) homem...
	164.		“por aqui... bora, bora, bora, bora, bora” ((finge que guia o cão))
98.	165.	Márcia	“Vambora! Vambora! Tem alguém gritando socorro”
	166.		né?
	167.		“Vambora!”
99.	168.	Thiago	É.
	169.		Ele que matou. ((vira a página)) morre::u↓
100.	170.	Márcia	Matou o lobo. Salvou a vovó/
101.	171.	Thiago	[abriu vovó:: abriu
102.	172.	Márcia	Abriu o armário, pegou a vovó.
	173.		E a Chapeuzinho e a vovó↓ viveram↓ felizes para sempre!
	174.		Viu que legal? ((faz gesto para desligar a filmadora))

7.7

Anexo 7 - Transcrição 5 - Entrevista com Márcia

Turno	Linha	Participante	
1.	1)	Márcia	Tá gravando esse negócio? ((apontando a filmadora))
2.	2)	Carolina	Tá gravando
3.	3)		Você quer que eu vire pra cá? Hhhh
4.	4)	Márcia	Hhh
5.	5)	Carolina	Pronto
6.	6)	Márcia	Vai gravar sua mão
7.	7)	Carolina	Bom márcia, primeiro eu queria que cê me contasse um pouquinho sobre assim seu percurso profissional mesmo, como é que você chegou [na surdez
8.	8)	Márcia	[nossa↑ é pessoal a entrevista. Não sabia. Pensei [que era do ambulatório
9.	9)	Carolina	[Não não é pessoal, é só pra contextualizar um pouco a:: questão as surdez °e do ambulatório°
10.	10)	Márcia	Ã é:: bom eu entrei pra fono::, é, porque eu fiz fono, quando eu era cç porque eu tenho disortografia. Mas antes de entrar no curso eu achava que, surdez era interessa:nte eu conhecia o ines, é:: já tinha entra:do no i:nes, pra:: pra ver jogo de vôlei e tal, mas eu já tinha tido esse contato, conhecia um ou outro surdo (0.2) e::: achava interessante a: a surdez porque eu achava que era:: uma ajuda que cê dá que vai do nada pro tudo. Isso era uma coisa que e:u, que eu pensava. Não é. Eu fiz por ter disortografia, minha vida (0.1) melhorou ma:s [pô↑ assim nu:m num foi uma coisa tão determinante na minha vida, acabou sendo pela escolha profissional,
11.	11)	Carolina	[Não tanto, é
12.	12)	Carolina	humhum
13.	13)	Márcia	Mas eu não tinha tanto- não tinha dificuldades- <u>eu</u> não sabia que eu tinha dificuldades na escola, eu não cheguei a ter consciência disso=
14.	14)	Carolina	=Não era um sofrimento pra você
15.	15)	Márcia	[não não não foi não. E eu pensava na surdez como uma coisa: maior. aí quando eu entrei na faculda:de, me identifiquei com lingua:gem, se:mpre, mas fiz um está:gio: horrível, de surdez, aí desisti, no segundo período=
16.	16)	Carolina	=Aonde?
17.	17)	Márcia	A: não pode falar
18.	18)	Carolina	[Não pode falar, desculpa
19.	19)	Márcia	[hhh
20.	20)	Márcia	Aí desisti, aí conheci::
21.	21)	Carolina	[mas era com oralismo?
22.	22)	Márcia	Era com oralismo
23.	23)	Carolina	Ã. só pra:: [°entender°
24.	24)	Márcia	[é:: aí conheci a: afasia, que eu nem sabia que existia, aí fiquei: interessada (0.2) hh ((ri para uma aluna, que fazia a prova e olhava a entrevista)) interessada em afasia (0,2) pelo conteúdo teórico de lingua[gem, e::: no último ano tive uma professora maravilhosa de surdez que aí, voltei a me encanta:r e aí, fui aprender libras, no curso de libras: tinha uma propaganda da especialização na uerj, aí fiz especialização na ue:rj, aí: meu amigo que fazia

			mestrado na puc falou que tinha: uma linha de pesquisa em lingua:gem na psicológi:a, aí eu fui: aí teve o concurso na ufrj e assim, desde o início: todos os meus trabalhos foram em surde:z, sempre o meu objetivo: (0,2) foi- o meu objetivo sempre foi, fazer uma fonoaudiologia, que, que fosse compatível↑ com o sócio-interacionismo[
25.	25)	Carolina	[humhum [humhum legal. ah pensei que você tinha feito libras desde o início, não sabia que cê tinha- só no final da faculdade se interessado mais pela surdez não=
26.	26)	Márcia	=não é porque me- eu me desanimei né, porque a: a disciplina de surdez era no último ano
27.	27)	Carolina	ãhã
28.	28)	Márcia	E o está:gio o primeiro que eu fiz, eu quase desisti da fono inclusive (.)
29.	29)	Carolina	Ainda mais antes [de ter a teoria, né?
30.	30)	Márcia	[(eu vi:)
31.	31)	Márcia	Antes de ter a teoria
32.	32)	Carolina	é
33.	33)	Márcia	Porque <u>per</u> mitiam isso. Mas eu: eu me dei mais uma chance, se eu não gostasse do outro estágio eu ia: trancar fono e começar psicologia que eu tinha trancado/gostado? aí o outro estágio eu gostei.
34.	34)	Carolina	Que bom hhh a gente agradece
35.	35)	Márcia	[hhhhh [hhhh
36.	36)	Carolina	É:: e assim (0,1) como é que você vê o trabalho com a narrativa especificamente das crianças surdas? Queria que você falasse um pouquinho sobre isso
37.	37)	Márcia	A narrativa eu comecei a le:: de uns três anos pra cá eu acho, dois, comecei a me interessar pela narrativa e pra mim foi um fio condutor pra pensa:r- que eu sempre pensei linguagem e cogniçã:o, mas a narrativa ficou bem mais concreto, assim, o <u>que</u> da cognição?
38.	38)	Carolina	humhum
39.	39)	Márcia	a aquisição da noção de tempo eu sempre falava “é na linguagem mas aonde da linguagem?” A narrativa me deu: esse chão, especificou pra mim ()
40.	40)	Carolina	Organizou você também hhhh
41.	41)	Márcia	Me organizou <u>completamen</u> - completamente. Na- era o que faltava
42.	42)	Carolina	Ãhã
43.	43)	Márcia	Era uma coisa é É:: vários as- aspectos <u>a</u> brincadeira eu já tinha pesquisado muito. Ficava uma lacuna “porque que eu não consigo fazer o surdo brincar de faz de conta? Me esforcei tanto pra isso” o ambulatório todo voltado pra isso, a gente não tinha sucesso, ainda não tem até hoje. mas agora é: eu tenho a clareza de que só depois que adquirir a narrativa que vai entrar no faz-de-conta
44.	44)	Carolina	Ãhã. Então você falou que foi mais ou menos a uns três anos atrás=
45.	45)	Márcia	=É tem uns dois ou três [anos
46.	46)	Carolina	[Mas o que que aconteceu assim [que fez
47.	47)	Márcia	[Ah↑ eu li o livro da Cecília Perroni=
48.	48)	Carolina	=Ah tá↑

49.	49)	Márcia	Quando eu li o livro da Cecília Perroni abriu um mundo °na minha frente°
50.	50)	Carolina	Ãhã. (0,3) E::: o que que você espera assim, quais são os seus objetivos então com esse trabalho da narrativa com surdos? Com surdos moderados mais:: especificamente
51.	51)	Márcia	Não ma- mas o trabalho em libras mudou muito também no ambulatório. A Cláudia, que é a: a pedagoga, que trabalha com- pedagoga e intérprete de libras, a Cláudia fala de muitas mudanças. E:: a contação de história que é uma coisa que- muito conhecida e:m surde:z, contar história, mas a gente nunca teve a clareza que a gente tem hoje do que que é contar história, e como ajudar a criança na con- pra ela reconstruir a história °assim°, ficou muito mais claro pra gente a: função disso <u>na</u> cognição
52.	52)	Carolina	ãhã
53.	53)	Márcia	E no relato a importância da mãe pra:: que é uma coisa que a gente sempre sempre falou “a mãe tem que contar o que a criança fe:z, tem que ficar atrás narra:ndo” mas agora é: f: é ficou tudo mais claro, mais organizado, mesmo na língua de sinais.
54.	54)	Carolina	ãhã
55.	55)	Márcia	Não é só meu- minha expectativa é que todos sejam bons narradores, [seja em libras ou em língua de sinais
56.	56)	Carolina	[em língua de sinais?
57.	57)	Márcia	Acreditando que só vão ser bons escritores os que, conseguem f: falar em português=
58.	58)	Carolina	=então seja em libras ou em português?
59.	59)	Márcia	<u>Eu acho</u> que só vai ser bom escritor quem [falar português
60.	60)	Carolina	[Não cê falou primeiro [tanto faz em libras ou em língua de sinais hh
61.	61)	Márcia	[a eu quero que eles sejam- ah libras ou português
62.	62)	Carolina	Hh Ah tá
63.	63)	Márcia	Mas eu acredi:to: que pra escrita: é necessário a: a língua portuguesa, <u>ou</u> realmente uma nova filosofia educacional, com o uso do singh wrigting, mas: como tá não não acredito na- na língua de sinais como: uma língua suficiente pra alfabetização em português, [nem em nenhuma língua [hh, nem em inglês nem em alemão [é suficiente pra alfabetizar hh em português, mas se tiver narrativa tem cognição
64.	64)	Carolina	[mas se tiver a narrativa em-[ãhã então aí se tiver narrativa <u>em libras::</u>
65.	65)	Márcia	Não acredi[to que vai escrever em português, acredito que vai escrever em sign writing, lín:gua de sinais escrita °se for exposto° né? Como: não acredito que quem fala: fala bem português vai ser bom escritor de inglês: se não- se só falar português e for alfabetizado em inglês
66.	66)	Carolina	[Também não acha
67.	67)		Direto (.) pra língua escrita
68.	68)	Márcia	Sendo a língua de mediação <u>o</u> português
69.	69)	Carolina	Humhum (0,2) entendi. e:: assim, queria que você me falasse um pouco da sua expectativa no que que a lingüística pode ajudar então nesse trabalho: da

			audiologia educacional, com a narrativa especificamente [né quais são suas expectati-
70.	70)	Márcia	[É eu acho que a lingüística (.) cognitiva, a psicologia cognitiva também, acho que podem ajudar traçando é:: a relação bem pontual de aspectos lingüísticos, com aspectos cognitivos. Tipo, o uso de: expressões de tem:po, que é um- que você vê na linguagem, que que isso provoca na cognição. O uso de elementos: de coesão, você vê na lingua:gem, que que isso significa? Quando você diz <u>MAS</u> °não sei°, que que isso representa cognitivamente? Acho que a gente sabendo isso, e sabendo é: a hierarquia né: é[:: Que que é mais difícil o que que é mais fácil, então é:: eu acho que a lingüística pode ajudar muito nisso. Né? Na aquisição, °assim° mostrando pra gente a hierarquia de aquisição e a repercussão cognitiva, a:: gente tem que ter essa clareza, senão fica:[::
71.	71)	Carolina	[O que vem primeiro [É:: no- isso mais na questão da estruturação da narrativa da criança em si né? Mas é:, pra você ver os dados lingüísticos da crian ((A bateria acaba mas as participantes não percebem, então a entrevista continua por algum tempo))
72.	72)	...	...
73.	73)	Carolina	Então, a gente tava falando sobre a questão da- da análise da interação mesmo, entre a fono e a crian-
74.	74)	Márcia	Uma coisa que ne- ((A bateria acaba novamente))
75.	75)	...	...
76.	76)	Márcia	again
77.	77)	Carolina	Então vamos voltar por causa do problema da filmadora né? Que que:- eu tava te perguntando que que você acha que a lingüis[tica
78.	78)	Márcia	[Hhh Tá rindo né? ((falando com uma aluna que fazia prova na sala))
79.	79)	Carolina	Hhh que que- que que você acha que a lingüística pode contribuir para o trabalho da da audio educacional <u>com</u> a a narrativa especificamente
80.	80)	Márcia	Então, no aspecto da relação linguagem e cognição, é:: especificar elementos lingüísticos que constroem a narrativa, é o que que eles repercutem: é: na cognição, tipo: <já falei vou falar de novo>=
81.	81)	Carolina	=E=
82.	82)	Márcia	=expressões de tempo, que a gente: é a gente só usa- só consegue perceber a criança usando em discurso narrativo né geralmente assim que a gente vê e: o que que isso representa cognitivamente. A hierarquia dessas aquisições eu acho que, é, uma das coisas, muito importantes que a gente precisa, a gente não tem tanto esses parâmetros, é: que poderi- que né o:: que aquisições facilitariam novas aquisições é::
83.	83)	Carolina	Mas em relação à <u>estrutura</u> da narrativa mesmo né? E:
84.	84)	Márcia	[A estrutura da narrativa
85.	85)	Carolina	E em relação à interação entre a fono e a
	86)		criança, a mediação, o que que você
	87)		acha que a lingüística pode: iluminar
	88)		assim dessa- [desse conhecimento?
86.	89)	Márcia	[E::u, eu tô repetindo [né:? Hh fica um

	90)		pouco::
87.	91)	Carolina	[ãhã é hh eu repeti
	92)		a pergunta também pra te lembrar
88.	93)	Márcia	É eu sei. É que fica:: não fica::
	94)		espontâneo. Mas a: a intenção da
	95)		comunicação, a motivação é:: nesse
	96)		setting né? Terapêutico. Precisa ser
	97)		cuidadosamente olhada. A motivação da
	98)		criança é um problema que a gente tem,
	99)		que é muito artificial.
89.	100)	Carolina	é
90.	101)	Márcia	E::
91.	102)	Carolina	Que interfere inclusive no que ela vai te
	103)		conta:r [que não é nada n- não é nada
	104)		natural
92.	105)	Márcia	[Não hh, a vontade de contar
	106)		muda você só pode contar quando você
	107)		te::m vontade né? E eu tô tô lembrando
	108)		não sei se eu posso, falar exemplo mas,
	109)		já vou falar. Eu tava ontem com: uma
	110)		criança e uma mãe. Eu tava tentando
	111)		ensinar a mãe a fazer o caderno de
	112)		experiências com a criança, que o
	113)		objetivo é: (0,2) a: mãe e a criança que
	114)		viveram a situação juntas (0.1)
	115)		registrarem, um:a situação ocorrida, e
	116)		levar um: material, um desenho uma
	117)		colagem >pra fono<((+rápido)) pra que
	118)		a criança possa contar é:: pra uma
	119)		pessoa que não viveu a situação. E eu
	120)		tava entã:o tentando ajudar a mãe pra
	121)		mãe <u>entender</u> isso, que não era a mãe dá
	122)		ordem pra mandar a criança desenhar,
	123)		que era pra eles, construir <u>juntos</u> ,
	124)		uma narrativa, e fazer o registro pra
	125)		depois a mãe ajudar a criança a com-
	126)		fazer esse relato pra uma pessoa que não
	127)		vivenciou a situação. E a mã:e não
	128)		<u>conseguia</u> ↑ conversar com a criança↓,
	129)		não tinha: não tinha tema↑, não tinha
	130)		assunto↓, é: °essa dificuldade da mãe°
	131)		então esses aspectos culturais né?
93.	132)	Carolina	ãhã
94.	133)	Márcia	Que a gente: tem que abordar assim, realmente: não tem novidade na vida. Né? o- é algumas pesquisas que eu tenho visto, quando- escola pública, “me conta um dia legal!” é o- a frase que detona a conversa, eles só contam violência. Não tem um dia legal.
	134)	Carolina	É um dia horroroso na verdade né?
	135)	Márcia	[é é eles
			começam a falar
95.	136)		“teve um dia que eu tava indo pra escola”
96.	137)		ai narram um fato violento, narram uma: um medo né? uma situação- que assim o que é diferente, o que é digno de ser narrado, é o ruim
97.	138)	Carolina	É o ruim só

98.	139)	Márcia	Então esse é um aspecto, não sei se a lingüística pode ajudar hh mas, que a gente tem que encarar. Como construir a narrati- se a narrativa é do original, do singular,[e quem não tem singular (0,1) de fantasi:a (0,1) de momentos (0,1) diferentes por serem mais agradáveis que os outros, por reunir mais pessoas, sempre os momentos diferentes são (0,1) por violência
99.	140)	Carolina	[Hum hum
100.	141)	Carolina	É=
101.	142)	Márcia	=É uma realidade que (0,1) as crianças do rio tão vivendo
102.	143)	Carolina	mas isso que você tava contando de você é: interagindo com a mãe da criança, tava você a criança e mãe?
103.	144)	Márcia	É.
104.	145)	Carolina	ã
105.	146)	Márcia	mais a estagiária. E aí eu: ia mediando ela com a- com a criança e eu sentia dificuldade, a- falta de intimidade dela com a criança, como eles não relatam assim, [então ()
	147)	Carolina	[Não é hábito mesmo
	148)	Márcia	É. Aí eles escolheram de uma festinha, que o menino tinha feito, aí:, aí eu perguntava ele respo- ele come-, ele listava, tudo ele listava, tudo que eu perguntava ele listava.
	149)		“e como foi a festinha?” (1,0)
	150)		“boa”
	151)		“que que você mais gostou?”
	152)		“a do guaraná do bolo”
	153)		aí listava a comida.
	154)		“não mas, outra coisa”
	155)		aí ele, nomeou
	156)		“bola”
	157)		porque ele brincou de bola. Aí eu falei
	158)		“mas e as brincadeiras?”
106.	159)		A mãe
107.	160)		“não teve brincadeira foi só comer bolo”
108.	161)	Carolina	Nossa é
109.	162)	Márcia	Aí
110.	163)		“e os seus amigos?”
111.	164)		Aí ele listava os amigos. Né, e e mas,
112.	165)		“uma situação que você brincou com seus amigos”
113.	166)		a mãe
114.	167)		“não, não brincou”
115.	168)		Aí consegui ainda que ele falasse o que ele mais gostou, aí foi na hora do parabéns, porque ele só dizia o que ele mais gostou qual era a comida que ele tinha mais gostado.
116.	169)	Carolina	humhum
117.	170)	Márcia	“Mas do: evento, da situação, de ver todo mundo ali, o que que foi mais legal?”
118.	171)		Aí ele
119.	172)		“cantaram parabéns”
120.	173)		Aí eu
121.	174)		“aí muito bom”
122.	175)		Ele
123.	176)		“cantaram parabéns pra mim”

124.	177)		E a mãe fica muito sem ter o que relembrar com ele também. A mãe re- a mãe lembrava assim.
125.	178)		“lembra? fulano te deu isso, cicrano te deu aquilo”
126.	179)		E era tudo roupa, nenhum brinquedo
127.	180)	Carolina	Ah o aniversário [era dele?
128.	181)	Márcia	[Era dele, dele
129.	182)	Carolina	[Ah tá
130.	183)	Márcia	Então, o que ela conseguiu ajudar com ele foi listar a relação presente quem deu o presente. Mas não tinha eventos↑
131.	184)	Carolina	Não tinha eventos, mas ela pelo menos tava trabalhando um pouco com a memória dele né?
132.	185)	Márcia	Claro
133.	186)	Carolina	Tava tem[tando
134.	187)	Márcia	[Não com a minha mediação, né?
135.	188)	Carolina	Só com a sua mediação. É::
136.	189)	Márcia	Aí eu não sei o quanto que a lingüística pode dar, idéias hh do que a gente trabalhar.((aluna se aproxima e Márcia pede em gestos para desligar a filmadora))
137.	190)	...	...
138.	191)	Carolina	É:: teve:: - a gente tava trabalhando com <u>um</u> modelo da história da chapeuzinho, né, daquele livro que não é nem a história original da chapeuzinho. tem uma anterior, uma versão anterior àquela. Em uma das interações que eu tô analisando é: ((voz tremida)) ficou claro que assim, a- o esquema de conhecimento da história da chapeuzinho da criança era diferente do seu. Não sei se você tá lembra- tá reconhecendo sabe?
139.	192)	Márcia	Aquela que entro no: armário e: que matou a vovó:?
140.	193)	Carolina	Comeu a chapeuzi:nho, teve dois, teve um que entrou no armário e teve outro que comeu a vovó e a chapeuzinho.
141.	194)	Márcia	E: é
142.	195)	Carolina	Mas isso na verdade existe essa versão
143.	196)	Márcia	Ah
144.	197)	Carolina	Aí assim, queria que você falasse um pouco sobre isso, sobre que- como que você acha que essa questão influencia. (0.2) o fato da criança também não conseguir te mostrar que “não eu vi outra história” né a dificuldade lingüística da criança.
145.	198)	Márcia	Ah por que eu fiquei insistindo que tava errado?
146.	199)	Carolina	É. Você acha que isso:::
147.	200)	Márcia	Não, tem que levar em consideração o conhecimento da criança <u>lógico</u> , se na hora [eu não percebi isso foi falta de conhecimento meu que tinham várias versões.
148.	201)	Carolina	[hanhan
149.	202)		É.
150.	203)	Márcia	Falta de me dar conta, né?
151.	204)	Carolina	Claro. A gente não pode conhecer [todas também]
152.	205)	Márcia	[porque saber que tem eu sei.] Não. É saber eu até sei. Quer dizer tem a- tem a que prende no armário e tem uma que come a:: [vovó
153.	206)	Carolina	[as duas né?
154.	207)	Márcia	Come as duas nunca vi?
155.	208)	Carolina	Tem. É a original hhh

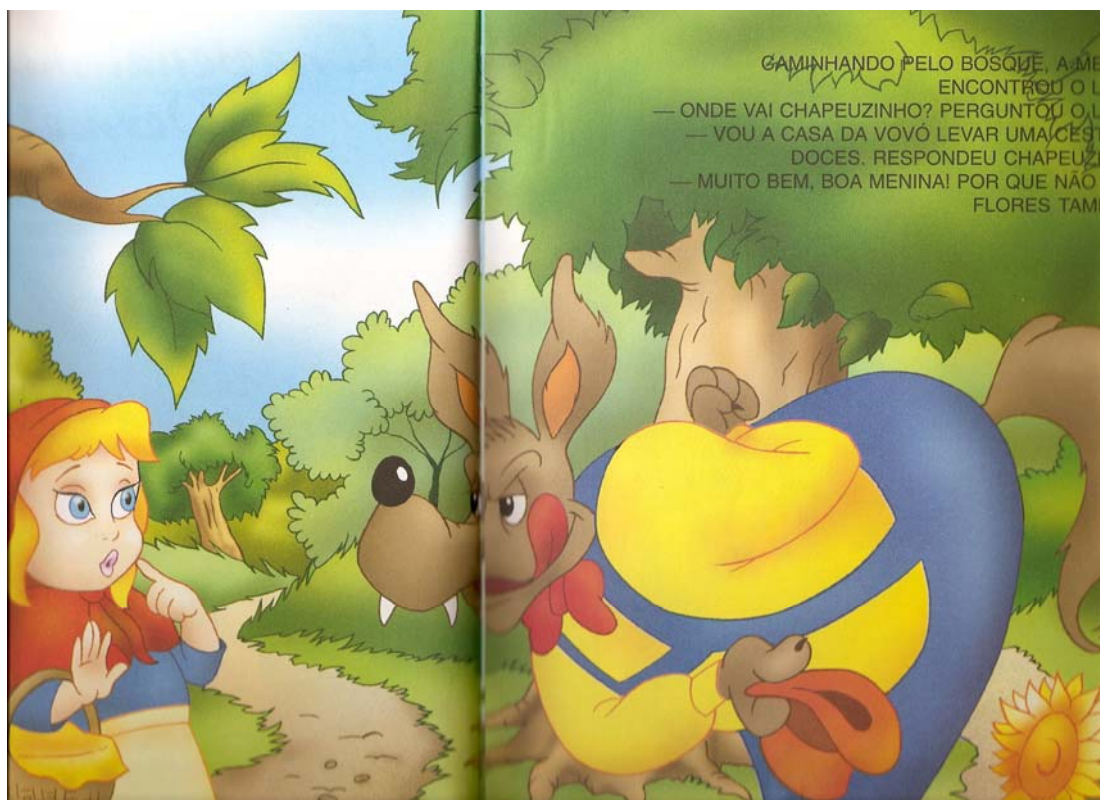
156.	209)	Márcia	Ah é?
157.	210)	Carolina	É hhh
158.	211)	Márcia	Ah. Nem sabia, nunca vi. É:: então foi um vacilo meu. Lógico.
159.	212)	Carolina	Não mas não é- não é questão disso. Eu tô querendo saber assim, que que- isso deve acontecer inúmeras vezes com essas crianças né?
160.	213)	Márcia	Ah é verda::[de estar falando- É eu lembro-
161.	214)	Carolina	[É: como que talvez a gente possa (1.0) tá atento a isso
162.	215)	Márcia	Ó eu lembro uma coisa que aconteceu no início da minha vida, quando eu trabalhava no posto de saúde, da minha vida profissional, trabalhava no posto de saúde e:, chamei os surdos da região né?
163.	216)	Carolina	E o que? [Não entendi direito
164.	217)	Márcia	[Chamei os surdos da região hhh ()
165.	218)	Carolina	[Ah tá hhh
166.	219)	Márcia	E eu tava conversando com uma criança nem- na verdade eu nem tenho certeza que ele era surdo, se era surdo a perda é: era moderada. E ela me falou não sei que. Eu lembro de duas situações. (0,1) Que s-que brincou na laje. Eu nunca tinha ouvido essa palavra laje, sempre morei em prédio em [copacabana hh
167.	220)	Carolina	[Você veio de um mundo muito difere:nte hh
168.	221)	Márcia	Aí eu falei assim “Mas o que que é laje” ela “laje, laje é laje” ela não conseguiu me descrever. Aí eu falei assim ”mas desenha pra mim- que que é laje?” eu não sabia. Ela “laje” “onde é a laje é no jardim? onde que fica isso?” eu não conseguia saber onde era a laje, aí ela me descreveu assim com a mão e tal, eu achando que era em cima “no teto? como assim brincou no te::[to?”
169.	222)	Carolina	[Hhhhh [hhhh tô imaginando isso
170.	223)	Márcia	E assim, por que aí conhecimento de mundo diferen-essa e uma vez da [escolinha
171.	224)	Carolina	[não, mas você chegou a entender o que que era?
172.	225)	Márcia	É é
173.	226)	Carolina	Mais ou menos?
174.	227)	Márcia	É, mais ou menos assim, é acho que eu entendi mas achei um pouco: incoerente. Assim, como que pode brincar em cima da casa?
175.	228)	Carolina	Hhh
176.	229)	Márcia	É na cobertura então? Assim
177.	230)	Carolina	“Não tem o telhado?”
178.	231)	Márcia	Não lógico que eu via casa de favela e via que não tinha o telhado
179.	232)	Carolina	Ah↑ tá hh
180.	233)	Márcia	Acho que eu acho que eu juntei as idéias sim. E isso já tem mais né- é tem bastante tempo então eu não lembro exatamente, mas eu lembro assim, que laje era uma palavra que eu não conhecia, e escolinha. Um menino falou assim “ah eu fui pra escolinha” aí eu “ah de futebol” escolinha que eu conheço é de futebol, o termo escolinha
181.	234)	Carolina	Ah↑ tá
182.	235)	Márcia	O termo escolinha sempre foi pra mim relacionado a futebol. Aí ele “não escolinha” aí eu “escolinha de que? De artes? Que escolinha?” pra ele escolinha era

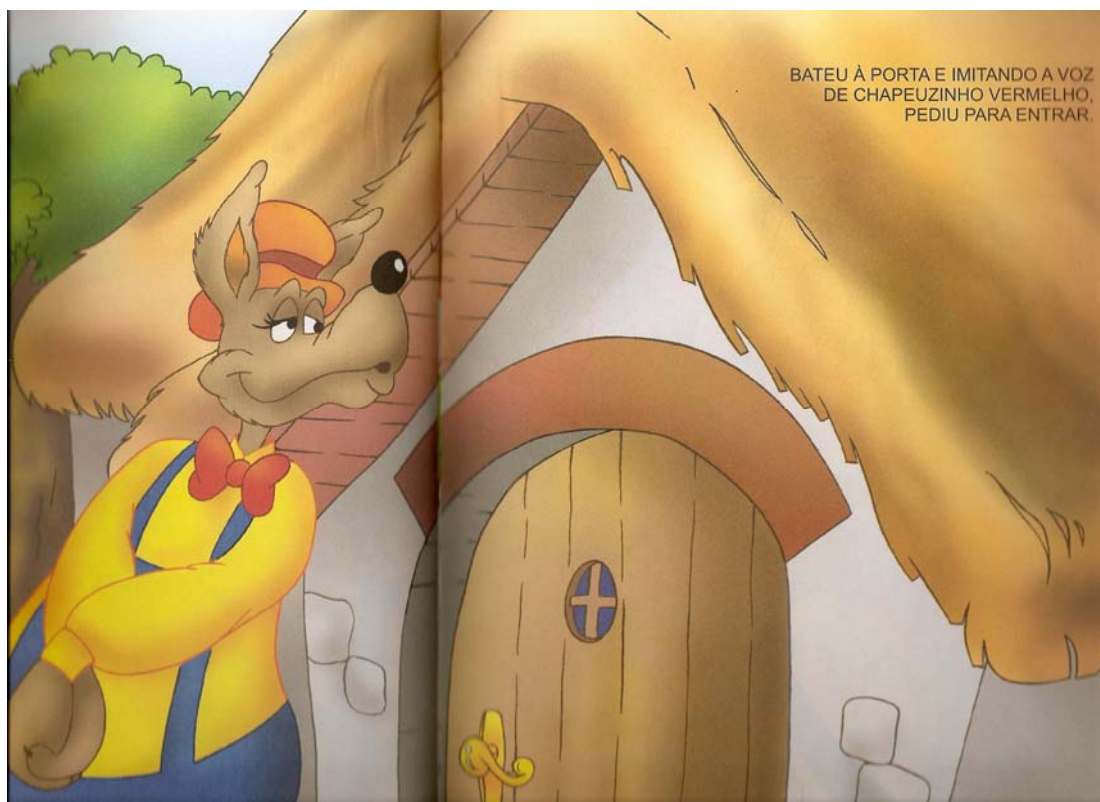
			o professor particular
183.	236)	Carolina	Ah↑ professor particular?
184.	237)	Márcia	É. A: aula de reforço, né? era: que dizer era uma atividade depois da aula, que algumas crianças se reuniam em torno do professor particular, aí chamavam de escolinha.
185.	238)	Carolina	ãhã
186.	239)	Márcia	É: e eu nunca mais esqueci isso, foi no posto de saúde assim, da minha dificuldade (0,1) de conversar com eles.
187.	240)	Carolina	ãhã
188.	241)	Márcia	Né assim, não sei porque eu fiquei lem- não esqueci, dessas duas situações
189.	242)	Carolina	ãhã
190.	243)	Márcia	Que eu me esforcei pra entrar no mundo deles (0,2), mas na verdade é um mundo que eu não quero entrar, porque eu não quero que exista=
191.	244)	Carolina	=Ãhã=
192.	245)	Márcia	=um mundo de crianças que caem da laje, [já li uma crônica sobre isso, um ortopedista falando
193.	246)	Carolina	[É [é muito comum
194.	247)	Márcia	o mundo das crianças que precisam ir pra uma escolinha com uma pessoa que (0,2) que não é um educador. Porque a escola que deveria ser formada por educadores não dá conta de educar. Então assim, na verdade eu quero mas não quero entrar em contato com isso, eu quero que isso não exista.
195.	248)	Carolina	É. Você quer entender mas não pra ir pro mundo deles
196.	249)	Márcia	É, não pra <u>aceitar</u> o mundo deles.
197.	250)	Carolina	Pra criar uma comunicação
198.	251)	Márcia	[Eu não aceito, é, eu não aceito, que a miséria exista, eu não acho que isso: eu não aceito hh
199.	252)	Carolina	Obrigada Márcia.

7.8

Anexo 8 – Ilustrações da história Chapeuzinho Vermelho do livro
ilustrado Clássicos de Ouro







PERTO.
ORELHAS GRANDES!
JZINHO
OUVIR MELHOR DISSE O LOBO

— QUE OLHOS ENORMES, VOVÓ!
— É PRA TE VER MELHOR!
— QUE NARIZ COMPRIDO!
— É PARA TE CHEIRAR!
— E ESSA BOCA VOVOZINHA?
QUE GRANDE!
— É PRA TE DEVORAR!



ENTÃO O LOBO PULOU DA
CAMA E CORREU PARA
PEGAR CHAPEUZINHO.





CHAPEUZINHO APARECEU E DISSE QUE
O LOBO HAVIA ENGOLIDO A VOVÓ.
O CAÇADOR ABRIU A BARRIGA DO LOBO
E TIROU A VOVÓ SÃ E SALVA.

